

Aos que já compreenderam

A *Aurora* inseriu no número passado, sem nota da redacção, um artigo que, por estar em contradição com as ideias por ela sustentadas até hoje, merece reparos e esclarecimentos: é o escrito de Luciano Léauté, traduzido da *Bataille Socialiste* sob a epígrafe assaz pretenciosa «Aos que ainda não compreenderam.»

Os que ainda não compreenderam veem a ser os que mantêm as suas ideias anticapitalistas, antiestatistas e antimilitaristas, não sómente em tempo calmo, como entretenimento literário, mas em todas as circunstâncias, mesmo naquelas em que essas ideias são mais justas e justificadas; são os que não vão no emburlo dos nobres pretextos arranjados em todos os tempos por todos os governos para encobrir e doirar todas as guerras; são os que não querem colaborar com os governos e burguesias, reforçar o Estado com uma adesão voluntária, cooperar no levantamento do prestígio duma instituição nefasta descobrindo-lhe um fim útil e levantado, servir-se de meios estatísticos para fins... que não podem ser proletários; são os que recusam comer como «guerra de libertação» uma guerra entre imperialismos, que com qualquer resultado dará á reacção tanto mais força quanto menor for a resistência franca e sem compromissos dos elementos revolucionários. São esses os que ainda não receberam a revelação no caminho de Damasco...

Para os revolucionários sociais, a questão não deve ser posta como a pôe Léauté. Não havia tal escolha forçada entre dois males. Entre a insurreição, que se não pôde fazer admitamo-lo, e marchar voluntariamente para a guerra, magnificando-a, atribuindo-lhe intuítos e fins revolucionários, havia outros caminhos dignos e coerentes, havia tarefas como as que apontamos no primeiro artigo do nosso penúltimo número. A questão deve ser mais ou menos posta como a pôe Angelo Faggi no artigo que, no seu número de 8 de Novembro, a *Aurora* traduziu dum jornal insuspeito, por ser intervencionista.

O facto de termos preferências quanto ao resultado da guerra não nos habilita a tomarmos o partido de um ou de outro grupo de Estados e burguesias, com métodos absolutamente contrários aos nossos e que são para nós armas de suicídio. Do contrário, deveríamos também adoptar os meios legais e parlamentares para auxiliar numa contenda um partido mais liberal porque do mal o menos... Faz rir, ou faz chorar ver sob a pena de revolucionários desorientados os argumentos com que os reformistas legalitários tantas vezes nos atacaram!

Além do que temos dito, medite-se nas acertadas palavras que extraímos do último número de *Volonté*: «Também da fome poderia irromper um movimento revolucionário; mas isso não é motivo para nos tornarmos cúmplices dos esmorecedores. A guerra é um facto, mas não pode bastar uma simples probabilidade sobre os seus efeitos para que esposemos a causa de um ou mais dos Estados em

luta, pois a condição essencial para depois a revolução poder tirar proveito deles é que os revolucionários não tenham excitado á guerra qualquer governo. Preciamente por sermos internacionalistas, podemos desejar a revolução na Alemanha, sem para isso comprometer a causa da revolução na França, na Rússia ou na Itália, — o que justamente fazem aqueles que em cada uma destas nações se solidarizam com o governo em guerra ou implicitamente prometem tal solidariedade para quando o governo fizer a guerra.» *Volonté* faz ainda notar que a contradição e o mal são ainda maiores dado o serviço militar obrigatório; mas aquelas palavras bastam para o nosso caso.

Léauté põe ainda mal a questão, apresentando a guerra como uma luta entre a república e o imperialismo prussiano. Não se trata duma luta política, nem duma revolução, nem sequer duma insurreição nacional. Trata-se duma guerra imperialista — capitalista e estatista — cujo resultado trará sempre um recuo político e social, o fortalecimento do regime á prussiana, ainda que a Alemanha seja vencida.

E é verdadeiramente pasmoso o argumento de Léauté quanto aos efeitos da atitude guerreira dos que como ele pensam: a massa sentirá por eles imensa simpatia e admiração, vendo-os tam patriotas, e correrá toda a arregimentar-se nos sindicatos, que terão efectivos colossais! E' bem possível; mas os sindicatos alemães também tem «kolossais» efectivos, que eles se orgulham de ter mandado servir em massa nas hostes do Kaiser.

Por aquele motivo, devemos aderir a todos os erros e preconceitos da massa, acompanhá-la nos seus movimentos irreflectidos, votar nos seus ídolos, etc., porque assim teremos a sua simpatia e efectivos «kolossais»... á prussiana!

O cándido Léauté afirma que ele e os seus amigos não deixarão avançar o partido do sabre e do hissope... sem protestar. Oh! sem dúvida, protestarão... O diabo serão as ideias espalhadas na massa, nem sequer contrabalançadas pela atitude dubia, incerta e contraditória dos «revolucionários» que tem liberdade de palavra; o diabo será o fortalecimento do Estado e do seu grande instrumento, o militarismo; o diabo será o prestígio dos «grandes heróis» agalados, criaturas dos jesuitas...

Léauté fecha com uma invocação aos métodosinhos reformistas — fórmulas de poder milagroso muito superior ao das «fórmulas» revolucionárias... Este adolescente irá longe, se de novo se não desarrepende, como ha meses fez quanto a uma carta escrita duma prisão de menores ao juiz de instrução, carta em que pedia a liberdade por estar sinceramente arrependido dos artigos assaz violentos e retóricos por ele publicados no *Libertaire* contra a Pátria e o militarismo... Vê-se que as suas ideias não estão ainda bem firmadas e que, consoante caíha, compreende ou não compreende...

Notas Rubras

As atrocidades alemãs

«A quasi totalidade» da imprensa portuguesa noticia — com uma facciosidade clara e manifesta — diversas atrocidades repugnantes cometidas pelas tropas alemãs.

Pouca gente haverá, talvez, que sinta como eu uma dor tão funda e uma revolta de igual intensidade por esses barbarismos — a serem verídicos — perpetrados pela soldadesca do Kaiser. Mas o que eu não posso tolerar é que se atribuam todos os defeitos ao militarismo alemão e todas as virtudes ao aliado. Conforme li ha dias num diário, «o soldado, em guerra, é a fera alucinada da fome e sede.»

Por mais claro que seja o esplendor da civilização que lhe flaminou o berço, com uma arma na mão, com a ordem de matar, de aniquilar, essa fera não sente senão a acia da sua fome, o desespero da sua sede.

Esperem que as tropas aliadas invadam o território alemão, e veremos — se a imprensa quiser informar os seus leitores com verdade — se elas não cometem identicas barbari-

cia do Aljube para enfermaria provisorial de tuberculosos ou, nessa impossibilidade, dum prédio que pudesse ser adaptado a esse fim e num outro caso, a expensas da Comissão de Assistência.»

E' triste e vergonhoso que seja preciso a Misericórdia — que actualmente recebe do Estado a ridícula importância de 50 escudos para auxílio da assistência publica — ter de se dirigir ao governador civil para ele adaptar uma das salas do pardiello do Aljube que já tem servido de manicómio para um dispensario anti-tuberculoso!

Então para que serve o Estado, o decantado protector dos pobres?

Não será a tuberculose uma sintese de todos os males sociais? Pois se o é, compete aos governos edificarem hospitais para tratarem todos os doentes fálto de recursos.

O que não pode é continuar a situação desses desventurados tuberculosos, descrita no referido offício:

«Escritos durante mezes á espera de vagas, cuja morosidade é devida á natureza da enfermidade, essas creaturas, se não morrem nesse intervalo de tempo, chegam a ser hospitalizadas num estado de absoluta incurabilidade.»

Não seja só entoar hinos ao Estado. O que se quer ver é obras...

C. RODRIGUES.

Conferencia

A conferencia que devia realisar-se no ultimo domingoa sedé desta redacção, ficou transferida para a próxima quinta-feira, 17, ás 20 horas. Convidam-se todos os camaradas á comparecer.

Que mentalidade!

Augusto Winning, secretário da Federação operária alemã da Construção Civil, toma como a ele feitas as ofensas dirigidas ao Estado e militarismo germânicos, e num artigo de protesto enviado ao órgão dos operários italianos da Construção Civil, que tinha verbenado aqueles monstros, diz entre outras coisas o seguinte:

Fizemos todo o nosso possível para conservar a paz. Temos a certeza de que o Governo alemão fez também tudo o que pôde para evitar a guerra. Apesar disso, ela veio. Veio porque a avidez de conquista da Rússia a quis e porque a Inglaterra pensou que tinha chegado o momento propício para aniquilar, com uma guerra mundial, a nossa pacifica concorrência na conquista dos mercados para os produtos da nossa industria. Este golpe, porém, dirige-se também, e particularmente, contra a classe proletária alemã.

Somos um povo que cresce rapidamente e só podemos viver se as nossas industrias puderem trabalhar e se pudermos permutar os produtos contra os géneros alimentícios dos outros países. A realização das miras do capitalismo inglês significa ou significaria a ruína da classe operária alemã, o esfacelo de toda a economia teutónica, desastre que seria também uma calamidade para o proletariado italiano, se mandado anualmente mais de cem mil dos seus filhos á Alemanha em busca de trabalho.

Medite-se na mentalidade deste dirigente duma organização operária de efectivos «kolossais»! Deixemos o juízo quanto aos responsáveis pela guerra: aquilo é o que pensa, de um lado e do outro, cada patriota. A dar crédito a todos, não há responsáveis, ninguém quiz a guerra... Começemos a reparar naquele chamar *nossa e pacifica* á concorrência na conquista dos mercados... Um «operário»!

Mas o principal da passagem é aquela solidarização dos interesses proletários com os da burguesia nacional. O golpe do capitalismo inglês é particularmente contra o operariado alemão!

A concorrência, a guerra, a ruína e a miséria do proletariado não são males do Capitalismo e o único remédio contra elles não é a solidarização internacional do proletariado na luta internacional contra a burguesia e para a definitiva expropriação dos meios de produzir; não, senhor: o operário é solidário com o burguês nacional e ganha se ele ganha e conquista! E viva a concorrência viva a chacina entre os proletariados, para ruína deste ou daquele e perpetuação do regime capitalista!

Para dar completa ideia da sua carga de vistas, aquele apelo ao egoísmo estreito do proletariado italiano — apelo e argumento tam desgraçados, que se dirigem a desgraçados emigrantes, forçados a abandonar a «pátria» e indiferentes quanto ao país de destino, que pode amanhã ser a França e a Inglaterra. O homem nem sequer reparou que a emigração italiana para a França é muito superior, indo o argumento portanto recair-lhe no focinho...

Ao proletariado internacional

Manifesto anarquista

Trabalhadores, camaradas,

Durante dezenas de anos, todos os governos, afirmando embora altamente as suas intenções pacificas, não viam para a paz melhor garantia do que um aumento formidável de armamentos.

«A regra tam clássica como absurda: «Preparar a guerra para ter a paz» produzia o que podia dar. Por esse processo obtém-se naturalmente o que se prepara, isto é, a guerra!»

Convém notar que, antes da formidável conflagração europeia, os mesmos Estados beligerantes tinham levado a guerra através do mundo inteiro. Falar de perto de meio século de paz é mentir descaradamente. A ocupação ininterrupta das grandes potências foram a pilhagem e a carnificina e é precisamente nas suas rivalidades coloniais que devemos ver uma das causas da catástrofe á qual assistimos.

Esta fora prevista. Digamos mais: a ninguém devia ter oferecido dúvidas; mas muitos imaginavam que no último momento os Estados se haviam de deter sempre, em face dos riscos demasiadamente grandes a deffrentar. Por outro lado, há perigos que a razão considera bem reais, mas ante os quais os homens se abandonam a uma irresistível necessidade de illusão, ou a uma inventível passividade servil.

Ajuntemos, finalmente, todos aqueles para quem admitir a guerra era confessar a sua impotência primeiro, a sua inconsequência em seguida, perante o problema que se apresentava sobre a attitude a tomar, e teremos a explicação do assombro quase geral que parece ter produzido um acontecimento, para o qual na realidade todos tinham sido preparados havia muito tempo e cujas causas vamos procurar precisar.

As causas da guerra

A guerra actual é uma consequência da guerra de 1870.

«Depois desta guerra e da vitória alcançada sobre a França, em breve a Alemanha, entrando num período de actividade juvenil, conseguiu com efeito dobrar, triplicar, decuplicar a sua produção industrial, e neste momento o burguês alemão cubia novas fontes de enriquecimento por todas as partes: nas planícies da Polónia, nas pradarias da Hungria, nos planaltos da Africa e sobretudo em torno da linha de Bagoada — nos ricos vales da Asia Menor — que oferecerão aos capitalistas uma população laboriosa a explorar, num dos melhores climas do mundo; um dia, talvez o Egipto também.

«São, pois, portos de exportação e sobretudo portos militares, no Adriático mediterrâneo e no Adriático do Oceano Indico — o Golfo Pérsico — assim como na costa africana, na Beira, e mais tarde no Oceano Pacifico, que os especuladores coloniais alemães querem conquistar. O seu fiel servidor, o Império germânico, está para isso ás ordens dèles com seus exércitos e couraçados.

«Mas esses novos conquistadores encontram por toda a parte um rival formidável, o inglês, que lhes veda o caminho.

«A burguesia inglesa quer fazer hoje, com a Alemanha, o que fez por duas vezes para deter, por cinquenta anos ou mais, o desenvolvimento do poderio marítimo da Rússia: uma vez, em 1855, com a ajuda da Turquia, da França e do Piemonte, e outra vez, em 1904, lançando o Japão contra a esquadra russa e o seu porto militar no Pacifico.

«Todos os Estados, logo que se desenvolve na nação a grande industria, são levados a procurar a guerra. São a tal impellidos pelos seus industriais e até pelos trabalhadores, para conquistar novos mercados, novas fontes de fácil enriquecimento.

«Mas há mais. Hoje existe em cada Estado uma classe — ou antes, uma súcia — infinitamente mais poderosa ainda do que os industriais e que também empurra pa-

ra a guerra. E' a alta finança, os grandes banqueiros que interveem nas relações internacionais e que fomentam as guerras.

«Onde os ingénuos julgam descontinuar profundas causas políticas, ou ódios nacionais, há apenas conluios tramados pelos flibusteiros da finança. Estes tudo exploram: rivalidades políticas e económicas, inimizades nacionais, tradições diplomáticas e conflitos religiosos.»

São essas as causas reais, fundamentais da guerra, tais como Krápótkine as denunciara, há dois anos apenas.

Falsas justificações

Mas, no próprio momento do desencadeamento da força mais brutal, importa cobrir os mais inconfessáveis fins com justificações de ordem moral ou pseudo moral. Assim é que vimos a Rússia, depois de ter abolido todas as liberdades em seus imensos territórios, ir para a guerra em nome da independência da Sérvia; a Alemanha, que sempre favoreceu a pior reacção dos Romanoff, invocar a civilização ocidental contra o despotismo oriental; a França, que há quase um século vem praticando no mundo inteiro a politica mais caracterizada de conquististas e rapinas coloniais, dar-se como campeão immaculado do direito e da justiça; a Inglaterra, cujas populações sujeitas se cifram em centenas de milhões de homens, fazer-se defensora da neutralidade dos pequenos Estados.

Estas razões de todas as diplomacias são igualmente falsas. E não se deve ligar maior valor á pretensa defesa desta ou daquela cultura, invocada nos manifestos de estranhos intelectuais, que, esquecidos das suas melhores obras, não acharam coisa melhor que desprezar a menor parcela de intelligéncia para unicamente praticar o culto do mais bárbaro e sangrento militarismo.

Repelimos enfim como erróneos todos os argumentos que homens de vanguarda também quiseram apresentar-nos para se solidarizar, ainda que seja momentaneamente, com os governos do seu país de origem, pois as mais das vezes trata-se apenas duma nova adaptação dos motivos enganadores, alegados em todos os tempos pelas classes possuidoras para justificar a sua acção exploradora e dominadora.

Significação real da guerra

E, com efeito, essas classes serviram-se logo do doloroso espectáculo dado pelos partidos socialistas e pelas organizações operárias, que mudaram de princípios e de attitude nos países em guerra, mal esta foi declarada, para proclamar a falência das nossas ideias de emancipação, de internacionalismo, de paz, de fraternidade e de justiça.

Que as classes trabalhadoras não estiveram á altura do seu grande papel, ninguém o pode contestar; mas seria ridiculo falar de falência duma organização social que nem sequer teve começo de applicação.

A guerra não pode, pois, significar senão a falência, ou melhor, a bancarrota sangrenta da «civilização burguesa». Nunca nenhuma classe magnificara mais a sua obra do que a burguesia. Fazia o ponto de pretender, contrariamente a séculos de história, que era desde já inútil qualquer revolução. As suas instituições de bases imutáveis eram, entretanto susceptíveis dos mais maravilhosos progressos. Até socialistas pretendiam que a sua constituição política, baseada no sufrágio universal, bastava para garantir o desenvolvimento pacifico das sociedades humanas.

Inteiramente outra era a realidade. Havendo proclamado a igualdade de direito, a burguesia mantivera a desigualdade de facto com o privilegio da propriedade privada, que devia fazer reviver, sob formas levemente modificadas, todos os privilégios do antigo regime. Na sua proclamação dos direitos, não reconhecia sequer ao